

AS EXPERIÊNCIAS DE QUASE-MORTE SEGUNDO O CONCEITO DE PERCEPÇÃO, DE DAVID HUME

NEAR-DEATH EXPERIENCES ACCORDING TO DAVID HUME'S CONCEPT OF PERCEPTION.

LEONARDO GUIMARÃES DA COSTA

Resumo

O presente artigo visa lançar luz sobre as Experiências de Quase-Morte, doravante abreviada sob a sigla EQM. Uma breve análise sobre as experiências a partir das óticas de David Hume e de Edmund Gettier. O porquê de o indivíduo temer a morte, que é aquilo de desconhecido que temos como certeza eminente. Aqueles que estiveram na fronteira entre a vida e a morte relatam impressões fortes da experiência, resultando de uma mudança drástica de vida e de atitudes. As crenças fundacionais de Deus e de vida após a morte são relatos universais vividos por aqueles que tiveram esta experiência, que confrontam com muitas de suas ideias e noções imperfeitas sobre as coisas ditas transcendentais pelos indivíduos.

Palavras-chave: Percepção. Morte. Extracorpóreo. Impressão. Ideia. Conhecimento.

Abstract

This article aims to shed light on Near-Death Experiences, hereafter abbreviated as NDEs. It provides a brief analysis of NDEs from the perspectives of David Hume and Edmund Gettier. It delves into the reason why individuals fear death, which is something unknown that we have as an imminent certainty. Those who have been at the border between life and death report strong impressions of the experience, resulting in a drastic change in life and attitudes. Foundational beliefs in God and life after death are universal reports experienced by those who have had this experience, which confront many of their imperfect ideas and notions about transcendental things.

Keywords: Perception. Death. Out-of-body experience. Impression. Idea. Knowledge.

INTRODUÇÃO

A epistemologia é um vasto campo de saber onde diversos pensadores se aventuraram por mais de dois milênios. Com destaque para o processo de conhecimento de David Hume e com o ataque à definição tripartite de conhecimento feita por Edmund Gettier, vamos lançar luz sobre um fenômeno bastante relatado e universalizado, entretanto bastante desconhecido pelas ciências cognoscíveis. Veremos o problema do homem perante a morte e sua certeza derradeira. O que é que causa bastante temor no homem e como ele pode usar da esperança e da crença em Deus para esperar uma não-corrupção da alma e do corpo. As Experiências de Quase-Morte vêm nos interrogar o quão pouco sabemos sobre os fenômenos e experiências deste mundo. Somente aquilo que é sensível é cognoscível, como afirma os empiristas do período moderno, e aqui, com destaque, o filósofo David Hume? Estou justificado a acreditar em uma crença verdadeira? O presente artigo procura demonstrar os

limites do homem ante o fenômeno do desconhecido e o que relatam aqueles que voltam da fronteira limiar entre a vida e a morte.

2. As ideias fundamentais de David Hume

2.1 As principais ideias de Hume

Sem dúvidas, de todos os filósofos iluministas, entre os que mais se destacam pelos seus sistemas que visam responder aquilo que vem a ser o conhecimento e como ele se dá na experiência da vida, David Hume ocupa considerável lugar. Largou os estudos jurídicos, carreira seguida por seu pai e desejada a ele por sua família, para se aprofundar mais nos estudos literários e filosóficos. O mais interessante é que Hume, de início, foi muito mais considerado pela sua obra *História da Inglaterra*, publicada em dois volumes, uma em 1754 e outra em 1756, do que pelas suas obras filosóficas. É quando está em Paris e tem contato com as ideias dos iluministas franceses, que sua virada filosófica se dá em um âmbito mais notório.

A princípio, Hume, que era empirista declarado, combatia aquelas ideias que tinham surgido e que começara com a grande revolução epistemológica de René Descartes, ao intuir que todo conhecimento pode ser alcançado com plenitude e sem riscos de erros pela razão, e que existiam conhecimentos inatos, isto é, conhecimentos que já nascem com a pessoa. A princípio, pode parecer bastante plausível, uma vez que temos a plena certeza de que em qualquer lugar a ideia de um triângulo é a mesma em qualquer lugar do Universo. Sobre o inatismo, diz Descartes:

Resta, somente, que examine a maneira como recebi de Deus essa ideia, pois não a tenho dos sentidos e ela nunca se me apresentou inesperadamente, como costumam apresentar-se as ideias das coisas sensíveis, quando se apresentam, ou parece que se apresentam aos órgãos dos sentidos externos. Ela não foi também inventada por mim, pois de nenhuma maneira posso subtrair-lhe algo, nem nada acrescentar-lhe. Assim, resta somente que ela me seja inata, do mesmo modo que o é também a ideia de que tenho de mim mesmo desde quando fui criado. (DESCARTES, 2004, p. 51)

É justamente esta afirmação cartesiana que os empiristas John Locke e Hume, em especiais, irão confrontar. Hume dirá, seguindo a linha lockeana, que a mente é algo vazio, que a partir das apreensões das experiências vão sendo preenchidas, o que constitui toda a origem do conhecimento humano. Não existem ideias inatas, toda ideia deve passar pelo tribunal da experiência, pelo sensível. Mas o que são estas ideias, ou melhor, percepções? Hume começará fazendo uma distinção das percepções entre impressões e ideias.

Impressões, segundo Hume (1972, p.16), são “todas as nossas percepções mais vivas, quando ouvimos, vemos, sentimos, amamos, odiamos, desejamos ou queremos.” Em outras palavras, as impressões são aquelas percepções mais fortes, que obtemos a partir daquelas experiências que nos são mais bem fornecidas pelos sentidos. Podemos dizer que impressões são percepções originárias, justamente por tratar de percepções originadas dos sentidos acessíveis ao ser humano. A impressão sempre antecederá e será a base para que se possa ter a ideia, que é aquela percepção que nós temos que são mais fracas, justamente por serem

pensamentos, isto é, ideias vindas daquelas impressões que nos marcaram. Então as ideias se tornam as cópias das impressões quando as acessamos através da memória, da imaginação, da recordação, reflexão, etc. Analisemos, por exemplo, a dor. Quando nos machucamos, a dor do machucado é forte. Ao decorrer do tempo, quando indivíduo se recorda da dor, ele na verdade terá uma ideia daquela impressão, ou seja, uma leve memória da dor que lhe fora provocada.

Ao analisar a formação das ideias no homem, Hume enfatiza que as ideias complexas, devem ser decompostas nas ideias simples que a constituem, só daí poderá se verificar as impressões simples e complexas da qual ela se baseia. Tudo isto para que se chegue à certeza de que esta ideia se baseia na experiência. Com este método, o indivíduo poderá descobrir aquelas noções falsas, produzidas pela mente e sua grande capacidade de controle sobre as ideias, levando a crer que aquela noção falsa seja assimilada a uma impressão. São destas noções que se originam as fantasias e ficções.

Hume logo dirá que em nossa vida, fazemos muitas associações de ideias, que é aquilo que acontece quando reunimos e assimilamos uma ideia, seja ela simples ou complexa. Hume dirá que existem três tipos de associação de ideias:

- 1) Semelhança: é aquela associação pela qual uma pessoa, ao ver um retrato, por exemplo, se pensará justamente naquilo que está retratado;
- 2) Contiguidade: é a associação que fazemos pela aproximação das ideias, como a ideia de branco juntamente com a ideia de neve. São ideias contíguas;
- 3) Causalidade: a causalidade é a associação pela qual a ideia de ferimento, por exemplo, leva a pensar na ideia da dor. Em suma, é o que chamamos de causa e efeito.

É muito importante temos esta noção de associação de ideias conforme afirma Hume, pois a investigação sobre o entendimento humano, que vem também a ser o título de sua obra, se dividirá neste âmbito em duas relações: as relações de ideias e relações de fato. As relações de ideias são as razões que serão de interesse matemático e lógico, onde as proposições podem ser descobertas pelo simples uso do pensamento, e que ela independe de algo no universo para ser o que é. Que três vezes três é igual a quinze é uma relação de ideia que mantém sempre sua certeza e evidência. Já as relações de fato são como o próprio nome já diz: relações que o indivíduo faz entre fatos, acontecimentos, coisas vividas, mas que todavia, não se têm a mesma certeza como as relações de ideias, pois elas não são resultados de algum princípio lógico, baseadas somente na experiência.

Aquilo que fazemos uma relação de fato, e que por sua vez se baseia na experiência, provém justamente do hábito. Como por exemplo, o Sol. É hábito que o sol nasce todas as manhãs, por conta do hábito, e por isto temos uma crença, uma certeza de que o sol nascerá também amanhã. Temos aqui então as noções de hábito e crença. Não há nenhum princípio racional que nos leve a acreditar que o sol nasça amanhã, pelo fato de que ele sempre nasceu. Por isso, Hume atinge diretamente a ciência com esta teoria, pois ela se constitui de afirmações fundamentais (quase que dogmáticas) em relação a fatos, totalmente desprovida de princípios racionais, pois é a crença e o hábito que fundamentam as leis “imutáveis” da natureza.

2.2 Uma breve análise sobre a religião em David Hume

Antes de prosseguirmos na nossa análise acerca das EQM's segundo a ótica de Hume e de Gettier, faz-se muito necessário que escutemos aquilo que David Hume diz acerca da religião (apesar de que Hume abandonou as práticas religiosas ainda na juventude, chegando a ser considerado por muitos um ateu, por conta de seu ceticismo teórico), uma vez que as EQM's têm um quê de espiritualidade que remete a uma religiosidade.

Existem dois aspectos negativos da religião: a religião não tem fundamento racional e também não tem fundamento moral. Racional, pois o máximo que se pode chegar à ideia de que Deus existe, é em uma analogia com a inteligência que pode ser relacionada com a causa do universo, com suas características consideradas orquestradas. Entretanto, nada se pode extrair de certo acerca desta analogia. Moral, pois não existe na religião, nada que se possa relacionar com a ética. Um fundamento ético está embasado no sentimento e não na religião.

Todas as religiões populares têm o seu começo a partir de paixões humanas primitivas e básicas, como o medo (da morte) e a esperança (de uma vida que possa continuar apesar da certeza da destruição do ser mortal pela morte). Apesar de ser negativo em relação à religião, considera que sem religião o homem é quase igualado aos animais:

Não existe um absurdo teológico tão evidente que não tenha sido adotado, um dia ou outro, por homens dotados do mais vasto e mais refinado entendimento. Nenhum preceito religioso é tão rigoroso que não tenha sido adotado pelo mais libidinoso e mais dissoluto dos homens. (...) A ignorância é a mãe da devoção. Essa é uma máxima proverbial, confirmada pela experiência geral. Procuremos uma pessoa inteiramente destituída de religião. Se a encontrarmos estaremos certos de que ela está a poucos graus de distância dos animais. (HUME, 2005, p. 126)

Hume dizia que a razão por si não consegue fornecer dados seguros que nos possibilitem a compreensão de objetos que estão tão distantes da experiência, como a religião nos apresenta. Por isto, resta-nos a suspensão do juízo, uma vez que não se pode aceitar o Deus proposto pela religião, tampouco negar firmemente a existência divina. Diz Hume (1992, p. 119) “Tudo o que concebemos como existente também podemos conceber como inexistente. Assim, não há qualquer ser cuja não-existência implique uma contradição.”

3. O novo curso da epistemologia lançado por Edmund

3.1 Uma análise sobre o artigo de Gettier

Existem pessoas que certamente mudam o curso da história. Mas uma pessoa merece especial atenção por contestar dois mil anos de tradição: Edmund Gettier. Com um artigo de três páginas intitulado *É a crença verdadeira justificada conhecimento?* Gettier apresenta dois contraexemplos em resposta à definição tradicional de conhecimento como crença verdadeira justificada. Com estes contraexemplos, Edmund quer dizer que as condições para o conhecimento que foram elencadas na definição tripartite não são suficientes para o conhecimento, mesmo que sejam necessárias. Em suma, estes dois contraexemplos são casos que podem até atender a definição tradicional, mas não são conhecimentos.



Ele chama a atenção para dois princípios básicos sobre os quais a análise desses casos como contraexemplos se baseia:

- 1) *Princípio da falsidade justificada* – a justificação é condição necessária para conhecimento, mas ela só não é condição suficiente, de forma que alguém pode estar justificado em crer em uma proposição falsa. Somente conjuntamente as três condições da definição tradicional são suficientes, segundo a definição tradicional de conhecimento. Isoladamente nenhuma delas é suficiente. Elas também não possuem relações de dependência. Se uma crença for justificada, mas falsa, não é conhecimento. Se for verdadeira, mas injustificada, não é conhecimento. Se alguém estiver justificado a acreditar numa proposição que é verdadeira, mas não acreditar nela, então ele não sabe que ela é verdadeira;
- 2) *Princípio do fechamento da justificação* – Uma pessoa está sempre justificada a acreditar numa proposição que ela sabe ser implicada por outra proposição que ela está justificada em acreditar.

3.2 Os contra-exemplos

No primeiro contra-exemplo, Gettier dirá que podemos ter justificação para acreditar em uma generalização existencial cuja base é falsa. Suponha que Smith esteja justificado a acreditar que Jones vencerá uma seleção para emprego (Smith escutou do chefe da empresa que Jones seria o selecionado). Suponha também que Smith esteja justificado a acreditar que Jones tem dez moedas no bolso. Então Smith pensa: “a pessoa que vencerá a seleção tem dez moedas no bolso”. Seguindo o princípio do fechamento da justificação, Smith está justificado em crer nesta sua conclusão, que infere validamente das premissas. Entretanto, quem vence a seleção é Smith e que quem tem dez moedas no bolso é Smith. Ou seja, uma das premissas de Smith é falsa, o que está de acordo com o princípio da falsidade justificada.

O segundo contra-exemplou é baseado na possibilidade de se acreditar na conclusão da introdução da disjunção, mesmo se sua premissa for falsa. Vamos supor que Smith esteja justificado a acreditar que Jones possui um carro e. Smith não sabe do paradeiro de Brown, seu amigo que está desaparecido. Então Smith infere três preposições: 1) Ou Jones tem um carro ou Brown está em Boston; 2) Ou Jones teve um carro ou Brown está em Barcelona; 3) Ou Jones tem um carro ou Brown está em Brest-Litovsk. Suponha que por coincidência, Smith tenha acertado que Brown está em Barcelona. Smith não sabe que a segunda proposição é verdadeira, apesar de ela ser verdadeira. Smith acredita na verdade da segunda proposição e Smith está justificado a acreditar na verdade da segunda proposição.

Com estes dois casos, Gettier vai contra toda a epistemologia de dois mil anos, em que se tem como definição de conhecimento a definição tripartite.

4. A crença religiosa

Nos distanciaremos um pouco do campo filosófico para abordarmos um assunto que é de área estritamente antropológica, o que não implica que não possamos fazer uma reflexão filosófica sobre tal tema.

A crença religiosa surge juntamente com nossos ancestrais nômades que habitavam as cavernas. É estritamente do medo que nasce a religião. Quando os ancestrais sentiam a potência da natureza em suas diversas manifestações, como terremotos, furacões, tempestades, raios e trovões, deduziram que a força só se é utilizada por um outro ser transcendente ao mundo efêmero e poderoso para produzir catástrofes de elevadas magnitudes. E como os eventos da natureza eram de grande magnitude, o ser que causava estas grandes potencialidades só poderia ser de tal magnitude que, milênios mais tarde, ainda não sabendo identificar o que seria este ser, o classificariam de inefável, aquilo que a palavras, nem gestos, nem pinturas podem descrever.

Com as protorreligiões, especialmente a indoeuropeia, vemos iniciar então um conceito de divindade. O mais curioso é que na palavra que os indoeuropeus utilizavam para se referir ao ser celestial, está o germe de todas as derivações da palavra Deus. Esta palavra era *Deiwas*, que deriva do radical verbal *Dei*, que significa iluminar. Então *Deiwas* significa basicamente o céu luminoso. Para designar a Deus, os hititas utilizavam a palavra *Šiu*, que por sua vez deriva da raiz *Dyu*, que remete a *Deiwas*, onde o ser divino é um céu luminoso. Já no latim, para designar ‘deus’, se utiliza *Deus* e *divus*, que vem do latim arcaico *deivos*. Da mesma raiz pode-se dizer do nome do deus que reina no panteão, Júpiter, ou melhor, *Iuppiter*, cuja raiz *Iou* deriva do indoeuropeu *Dyeu* juntamente com a palavra *Pater*, daí que no umbro aparece *Iupater*. Os celtas também herdaram a raiz *Deiwas* em sua designação da palavra deus. Conservaram na forma gálica o *Devo*.

É interessante notar esta contraposição que se faz entre deus e homem. Enquanto o *Deiwas* nos remete à palavra ‘Celeste’, homem, cujo radical é *Ghem* nos remete ao ‘Terrestre’ (daí homem que do latim é *homo*, *humus*, *ghom*, que em sua raiz original é ‘terra’).

O ser humano sempre quis achar em sua curta viagem pela vida, uma causa de imortalidade. Homero dizia que eram os deuses quem possuíam a *athanasia*, isto é, a imortalidade. Já os homens, os *thnētoi*, mortais, empreendiam muitas vezes grandes aventuras em busca de sua deificação. Entretanto, o ser humano deixa claro a angústia e o terror diante da morte, do incognoscível, do inimaginável. Por isso, vê na perpetuação da espécie e na memória dos mortais, uma forma de sobrevivência após a morte. Assim, nos diz Joseph Ratzinger, em seu livro *Introdução ao cristianismo*:

Naturalmente, chegado a este ponto, o homem compreende que sua vida não se conserva sozinha e que se lhe impõe estar nos outros, a fim de, através deles, permanecer entre os vivos. Dois foram os caminhos principais tentados para se alcançar esta meta. Primeiro, a sobrevivência na própria prole: daí o fato de os povos primitivos considerarem uma maldição o celibato e a infecundidade que denotam o naufrágio sem esperança, a morte definitiva. Ao inverso, o maior número possível de filhos dá chance de sobrevivência, esperança de imortalidade e, assim, a bênção que o homem pode esperar. Um outro caminho se abre quando descobre o homem ser muito relativa e problemática a sobrevivência nos filhos, desejando que de si reste algo mais. Portanto refugia-se na idéia da glória que o



fará realmente imortal, conferindo-lhe a sobrevivência na memória dos outros. Mas também a imortalidade pela permanência nos outros fracassa não menos do que a primeira tentativa: o que resta não é o "eu", mas apenas um eco, uma sombra. (RATZINGER, 1970, p. 144)

Portanto, é claro que o homem por buscar a não-corrupção do corpo, que vem com a morte, espera alcançar a imortalidade. Quando percebe que nem a prole nem a memória são capazes de perpetuar a vida, senão somente um eco, uma sombra, ele se vê só, incapaz de poder determinar-se e determinar as coisas ao seu redor. Aquele ser que é um minicosmo, não pode lidar com a morte, que lhe é tão certa. Resta-lhe, depois da aceitação difícil da morte, uma esperança, seja de vida eterna, seja de vida pós-morte. Daí que muitos procuram nas religiões, refúgios contra estas ondas devastadoras da realidade.

Vamos nos ater aqui em três pontos, que são fundamentais: Deus, que é o *céu luminoso*, a busca pela imortalidade e o medo diante da morte. Um irá de complemento ao outro nas vicissitudes humanas.

5. As Experiências de Quase-Morte (EQM's)

É bastante difícil falar de temas tão controversos, como são as EQM's. Entretanto, sua incerteza não implica em sua anulação de estudo. A lógica clássica nos ensina que uma coisa é ou não é, ela não pode ser ambas ao mesmo tempo, mas deve ser uma das coisas. Por isso, lancemos uma ótica sobre as experiências de quase-morte, que são experiências de características tão universais a quase todos os indivíduos que já passaram por esta experiência. Na compreensão do que é a morte, temos empreendimentos desde os antigos. O *Livro egípcio dos mortos* é um claro exemplo; De *ars moriendi* e *Orologium Sapientiae*, fazem parte da literatura mística medieval; temos também o *Pretakhanda*, da literatura hindu. Em todos estes livros, os relatos de morte e até mesmo de uma viagem extracorpórea são muito semelhantes.

5.1 A morte

É certo que a morte não é somente um fator biológico, mas também um fator psíquico e cultural. Tudo aquilo que a ciência da medicina sabe sobre a morte é somente o fenômeno externo da morte. Com ela, aprendemos que existem dois tipos de morte, a morte clínica e a morte vital. A morte clínica é a parada respiratória, de toda atividade cardíaca e do funcionamento cerebral: há uma possibilidade de reanimação. Já a morte vital, ou morte real é quando as células do corpo morrem, sem vestígio de *anima*. Acontece uma perda irreversível das funções vitais: não há possibilidade alguma de reanimação. É interessante destacar que entre a morte clínica e a morte vital há um espaço de aproximadamente cinco minutos, havendo casos mais extremos de até trinta minutos.

O que se pode inferir sobre a morte, conforme Sotto & Varina (1978, p. 47), é que ela é “um processo que se prolonga no tempo e cuja duração ninguém está em condições de apreciar.” Por isso é muito difícil determinar quando o indivíduo ultrapassa a fronteira da vida para uma morte irreversível. Até mesmo em um indivíduo com morte encefálica não se pode dizer com certeza absoluta de que ele está morto.

5.1.2 As experiências de quase-morte

EQM's são as lembranças de todas as impressões ou memórias que aconteçam durante um estado peculiar da consciência (aqui não podemos inferir se a consciência só tem ação em um corpo ou se ela pode agir fora do corpo, causa dos estudos de eqm). São sensações agradáveis e desagradáveis, resumo da vida, sensação de paz ou de terror, encontro com um parente já falecido; etc.

Platão já aludia a uma experiência extracorpórea em *A República* onde um soldado armênio, de nome Er, tivera uma experiência extracorporal após ser abatido em guerra:

Sócrates — Não é a história de Alcino que te vou contar, mas a de um homem valoroso: Er, filho de Armênio, originário de Panfília. Ele morrera numa batalha; dez dias depois, quando recolhiam os cadáveres já putrefatos, o seu foi encontrado intacto. Levaram-no para casa, a fim de o enterrarem, mas, ao décimo segundo dia, quando estava estendido na pira, ressuscitou. Assim que recuperou os sentidos, contou o que tinha visto no além. Quando, disse ele, a sua alma deixou o corpo, pusera-se a caminhar com muitas outras, e juntos chegaram a um lugar divino onde se viam na terra duas aberturas situadas lado a lado, e no céu, ao alto, duas outras que lhes ficavam fronteiras. No meio estavam sentados juízes, que, tendo dado a sua sentença, ordenavam aos justos que se dirigissem à direita na estrada que subia até o céu, depois de terem posto à sua frente um letreiro contendo o seu julgamento; e aos maus que se dirigissem à esquerda na estrada descendente, levando, eles também, mas atrás, um letreiro em que estavam indicadas todas as suas ações. (PLATÃO, 1997, p. 345)

O que fora descrito por Platão, diz justamente a uma experiência extracorporal em uma pós-morte. Atualmente, Raymond A. Moody, escritor, médico e psicólogo, é um dos estudiosos mais engajados no assunto, com seus relatos detalhados em seu livro *Vida depois da vida*. Outro especialista é o Dr. Ring, mas ao contrário de Moody, Ring se interessou mais na transformação do paciente depois da experiência do que na própria experiência.

5.1.3 As sensações experimentadas

Os relatos detalhados pelos pacientes que voltaram desta “viagem” são de uma universalidade ímpar, que é justamente por isso que os casos chamam tanto a atenção dos médicos especialistas. O instituto internacional Gallup, de pesquisas públicas, registrou em seu livro *Adventures in immortality*, mil e quinhentos casos de experiências de quase morte, onde fez uma relação sobre as sensações experimentadas e o quanto eram compartilhadas pelos outros:

- 1) Sensação fora do corpo (9%);
- 2) Presença de luz deslumbrante, de grande beleza (5%);
- 3) Sensação de paz inefável, tranquilidade e perda da dor (11%);
- 4) Percepção visual do ambiente em trezentos e sessenta graus (6%);
- 5) Rápida revisão da vida pessoal (11%);
- 6) Sensação nítida de estar em um mundo diferente (11%);
- 7) Sensação de presença de um ser iluminado muito especial (8%);
- 8) Sensação de atravessar um túnel e de estar na vastidão do espaço (3%);

9) Premonição sobre eventos futuros revelados (2%).

Vale destacar também que as pessoas religiosas, dependendo de suas culturas, identificam os fenômenos luminosos como divindades, céu, Jesus, Deus, anjos, espíritos; etc.

5.1.4 As transformações pós-experiência

As pessoas que tiveram EQM também, em sua maioria, sofrem uma grande transformação pessoal e duradoura. Dentre estas experiências, estão:

- 1) A sensação da importância de seu destino;
- 2) A intensificação de crenças religiosas. Os indivíduos que não possuíam crença religiosa, passaram a ter ou a ter uma vida mais espiritualizada;
- 3) Reconhecem o quão preciosa é a vida;
- 4) Começa a priorizar coisas simples e essenciais do cotidiano;
- 5) Aceita os fatos do cotidiano;
- 6) Perda da ansiedade e do medo da morte.

As EQM's acontecem também em pessoas que foram diagnosticadas com morte encefálica. O que vem a ser algo desafiador para a ciência, uma vez que teorizam de que a consciência é um fenômeno próprio do cérebro e dado a morte encefálica, a consciência deveria cessar. O que não se verifica nas experiências dos pacientes que conseguem ver a si mesmos deitados nas macas, pensando, sentindo e agindo.

6. A EQM sob a ótica de Hume e Gettier

Analisamos as principais ideias de Hume e o artigo de Gettier. Mas como poderíamos então relatar as EQM's na visão de ambos os filósofos, em uma base fundacionista, isto é, de que por trás destas experiências, existem crenças fundacionais justificadas em si mesmas e a partir delas todas as outras são justificadas? Bom, sigamos primeiro o caminho humeano.

Quando Hume procura fundamentar sua teoria empírica, a começar pela distinção da impressão e do pensamento (ideia), ele empreende um trabalho onde o conhecimento é dualístico, isto é, apreendemos pela experiência aquelas percepções fortes e as percepções fracas que advêm das impressões fortes. Ainda assim, entretanto, o fato de fenômenos sucederem-se conforme o hábito, não se justifica uma crença de que este fenômeno continue a ocorrer.

Acerca da ideia de espírito assim como a ideia do eu, Hume diz que é uma pura invenção da mente. Na verdade, são feixes de percepções que vai variando conforme se vive. Recordemos, todavia, da impressão. Hume diz que apreendemos da sensação (empirismo) e o que temos de conhecimento são basicamente as impressões e as ideias. Ora, sabe-se que a EQM, fato bastante controverso, entretanto não tão pouco digno de estudo para aplicar a verificabilidade, são relatos extracorporais, fora daquilo que é sensível deste mundo, para além da relação sujeito-objeto onde o sujeito apreende o objeto. Acontecem nestas

experiências, impressões fortíssimas, pois ainda que o indivíduo não esteja com os sentidos principais básicos (visão, audição, tato, olfato e, aqui com menor interesse, o paladar), há relatos em que o indivíduo consegue olhar as coisas ao seu redor; escutam alguém lhe chamando; sentem cheiros maravilhosos, como perfumes aromáticos; conversam e sabem que estão conversando com parentes falecidos. Enfim, apresentam diversas experiências. Vale ressaltar que diversos indivíduos que foram diagnosticados com morte encefálica relatam experiências que lhe escapam da sensação e principalmente do pensamento, da memória que se tem de uma determinada impressão enquanto obtivera ainda em vida. Com a transformação do sujeito após retornarem da experiência, suas vidas se tornam impactadas por aquelas impressões. Na maioria dos casos, as pessoas levam estas experiências na memória para a vida toda. Ou seja, elas conseguiram apreender ideias daquelas impressões.

Seguindo a linha de Edmund Gettier, podemos nos questionar se a crença no divino pela experiência religiosa é justificada conhecimento. Ora, vamos supor um indivíduo que tenha uma crença cristã. Ele crê nos dogmas de fé que a sua religião professa. Entretanto, ele tem crenças fundacionais que independem dos dogmas de sua crença, como a vida após a morte, Deus, espírito e luz bem-aventurada.

Este indivíduo leva toda a sua vida acreditando nas crenças professadas por sua religião, como o dogma da Santa Trindade, e o dogma do Inferno. Ele acredita piamente que ao morrer, se deparará com todas as circunstâncias reveladas pela teologia cristã e escatológica.

Em tal ocasião, o indivíduo sofre um acidente e se depara com uma EQM. Entretanto, ele encontra nesta experiência uma luz tão bem-vinda e acolhedora que o impulsiona a ir em direção a ela. Ao fundir-se nesta luz, ele se depara com um espírito de luz, cheio de bondade e misericórdia. Mas não são três pessoas em um só Deus, como ele esperara em sua religião. É uma só pessoa em uma só divindade. Ao dialogar com este espírito, que ele atribuirá ser uma divindade, revela o seu temor de ir para o Inferno, pois sempre aprendera que as pessoas seriam julgadas e, dependendo de suas ações, seria condenada ou salva. Porém, o espírito diz que não existe o inferno, e que também não há julgamento nenhum após a morte.

Após a experiência, o indivíduo volta à vida terrena, sofre uma grande transformação e abandona a sua religião, mas não abandona suas crenças fundamentais: vida após a morte, Deus, espírito e luz bem-aventurada. Sua crença religiosa está justificada, uma vez que as revelações pós-morte o revelaram que a crença dele estava certa, apesar de que as outras crenças que provinham destas primordiais estavam erradas.

7. Conclusão

Por mais que os casos de EQM's ainda sejam assuntos indeterminados e pouco estudados, podemos analisar que estas experiências causam fortíssimas impressões nas pessoas que têm esta "oportunidade" de fazer esta viagem entre a fronteira da vida e da morte. No caso suposto embasado no artigo de Gettier, descobrimos que o indivíduo não abandonou suas crenças *a priori*, porém revisou as crenças que vinham destas fundamentais. Ainda que seja desconhecido o que é a experiência extracorpórea, se adotarmos a teoria de que existe a vida após a morte, então há muito o que ser revisto nos campos epistemológicos científicos.

No entanto, segue-se ainda uma obscuridade nas análises das experiências extracorpóreas, uma vez que continua incerto o momento exato em que ela acontece, onde ocorre a passagem desta vida para a morte.

Não podemos, contudo, ignorar os inúmeros casos relatados por pessoas que já tiveram a experiência e pelas impressões vivas que permaneceram com elas. Tão marcantes foram suas experiências vividas neste outro limiar da vida – se assim se pode dizer, uma vez que não cessou a ‘vida’ para estas pessoas – que realizaram em si grandes conversões de vida, ao ressuscitarem para esta vida, com o propósito de fazer o bem, desprender-se das coisas da vida e não mais temer a morte. Pois elas já não carregam em si a esperança da vida além da vida, mas uma certeza desta mesma.

REFERÊNCIAS

Departamento de neurologia e neurocirurgia da Unifesp, Morte encefálica. Disponível em: <http://www2.unifesp.br/dneuro/opinia3.htm>. Acesso em 25 de maio de 2017.

DESCARTES, René. **Meditações sobre a Filosofia Primeira**. São Paulo: Ed. Unicamp, 2004.

GALLUP, G. Jr.; PROCTOR, W. *Adventures in immortality*. New York: McGraw Hill, 1982.

GETTIER, Edmund. **É a crença verdadeira justificada conhecimento?**, 2005. Disponível em: http://criticanarede.com/epi_gettier.html. Acesso em 25 de maio de 2017

HUME, David. **Investigação acerca do entendimento humano**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1972.

_____. **História natural da religião**. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.

_____. **Diálogos sobre a religião natural**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1992.

MARINO, Raul Jr. **A religião do cérebro**. São Paulo: Ed. Gente, 2005.

MOODY, R. **Vida depois da vida**. São Paulo: Ed. Círculo do Livro, 1979.

PASTOR, F.A. **A lógica do inefável**. São Paulo: Ed. Loyola, 1989.

PIAZZA, Waldomiro O. **Introdução à fenomenologia religiosa**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1976.

PLATÃO, **A República**. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1997.



RATZINGER, Joseph. **Introdução ao cristianismo**: preleções sobre o Símbolo Apostólico. São Paulo: Ed. Herder, 1970.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: De Spinoza a Kant. São Paulo: Ed. Paulus, 2007.

ROVIGHI, Sofia Vanni. **História da Filosofia Moderna**: da revolução científica a Hegel. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

SOTTO, A.; VARINA, O. **A vida depois da morte**: novas pesquisas parapsíquicas. Lisboa: Publicações Europa América Ltda., 1978.

SOUZA, José Zacarias de. Podemos voltar da morte? Algumas reflexões sobre EQM. **Psicol. Argum.**, Curitiba, v. 27, p. 55-64, jan de 2009.

TERRA, João Evangelista Martins. **O Deus dos indoeuropeus**: São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1996.